

## Comunicação Científica

### **EQUIDADE: UMA EXPERIÊNCIA EM LIVRO DE JORNALISMO NA EDUCAÇÃO**

PAULA, Maria Fernanda Mileski de<sup>1</sup>

QUEIROZ, Gustavo Schmid<sup>2</sup>

LOPES, Plínio Pereira<sup>3</sup>

SNAK, Gabriel Firmino<sup>4</sup>

FERNANDES, José Carlos<sup>5</sup>

#### **RESUMO**

Em 2015, a Secretaria Municipal de Educação (SME), de Curitiba, Paraná, deu início ao Projeto Equidade, um programa de apoio para escolas da rede que tinham notas abaixo de 5 ou por volta de 5 no Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico (Ideb). O tema recebeu pouco destaque na imprensa local – apesar de ter demonstrado resultados no prazo de um ano –, o que levou a SME a propor uma parceria ao curso de Comunicação Social Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, para a produção de um livro. Além de uma inserção nas escolas que tiveram avanços no desempenho, quatro estudantes universitários participaram da confecção de um livro reportagem – intitulado Nenhum a menos – no qual são reportadas as experiências de 15 das 48 instituições de ensino vinculadas ao projeto.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação. Jornalismo e educação. Livro-reportagem.

#### **1. INTRODUÇÃO**

O Projeto Equidade, da Secretaria Municipal de Educação, de Curitiba, encontrou pouco eco na imprensa paranaense. Um dos motivos seria a dificuldade de explicar para o grande público o sentido da palavra “equidade”, oriunda das políticas reparatórias, do mundo do Direito e mesmo das esferas religiosas, mas de aderência difícil em meio à mentalidade meritocrática que ronda o mundo do ensino.

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação. 6º Semestre do Curso de Jornalismo da UFPR. Email mileskimaria5@gmail.com

<sup>2</sup> Estudante de graduação. 8º Semestre do Curso de Jornalismo da UFPR. Email gschqueiroz@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de graduação. 8º Semestre do Curso de Jornalismo da UFPR. Email pliniopl@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante de graduação. 8º Semestre do Curso de Jornalismo da UFPR. Email gabrielsnak@gmail.com

<sup>5</sup> Professor doutor do curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Paraná. Email zeca@ufpr.br

No dicionário, “equidade” remete à arte de bem julgar, a avaliar com justiça e a se comportar com lisura. Mesmo sem ser expressão estranha ao campo da educação, até pouco tempo era usual apenas no vocabulário do Direito, no movimento social; ou nas páginas Bíblia, como lembram os mais piedosos. Seu desembarque tardio nos círculos educacionais tem sido recebido como a invenção da caravela. Significa que não basta promover a igualdade, é preciso criar condições para que todos a alcancem, o que exige estratégias de guerra. “Quando o estado não admite a desigualdade, ajuda a produzir resultados desiguais. Medida igualitária não é o suficiente porque não diminui a desigualdade”, reforça a educadora Letícia Meira. (FERNANDES, 2015, P. 4)

A dificuldade em realizar a comunicação pública do projeto levou a secretaria a fazer uma parceria com o curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com o intuito de produzir um livro-reportagem sobre a experiência de 15 das 48 escolas selecionadas para participar do projeto.

A imersão dos estudantes – em companhia de um professor orientador – se deu entre maio, junho e agosto de 2016, período em que os as equipes participaram do dia a dia de 7 das 15 escolas selecionadas para figurar no livro. As demais foram cobertas por uma jornalista profissional, Marleth Silva, com quem os alunos de Jornalismo também tiveram contato e parceria.

As escolas selecionadas para participar do Projeto Equidade reúnem uma soma de variantes, a dizer: cerca de 30% de total de alunos vêm de famílias beneficiadas pelo Bolsa Família, suas escolas estão instaladas em zonas violentas ou de risco social da capital; as notas da instituição no Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico (Ideb) estão entre as mais baixas de toda a rede. Some-se a baixa participação de pais na rotina escolar, assim como da comunidade. (SILVA. FERNANDES, 2016)

Uma vez identificados esses fatores, a rede municipal de ensino implanta as bases do programa: trabalha o conceito de “equidade na educação” com os professores, recebe reforço escolar – com a ajuda de mais duas professoras no quadro, para acompanhamento individual dos alunos com déficit de

aprendizagem -; apoio da secretaria para aprimorar contatos com a comunidade e sobretudo canais para que os alunos – carentes em sua maioria – tenham mais vida cultural (teatro, cinema, visita a museus), posto haver indícios de que essas interações melhoram o desempenho na sala de aula. (FERNANDES, 2015)

Paralelo ao programa padrão, cada escola selecionada tende a imprimir seu modo muito próprio de trabalhar pela equidade, ou seja, garantir aos alunos de escolas mais vulneráveis as melhores condições para que possam se desenvolver, avançando no aprendizado e na interação social.

## 2. JORNALISMO EM CAMPO

Um livro reportagem sobre projeto Equidade? Existem muitas proximidades entre jornalismo e educação. O mesmo se diga das distâncias. A imprensa está próxima da escola quando publica boas histórias ocorridas dentro do ambiente de ensino; quando observa políticas públicas para a educação; quando denuncia qualquer sorte de atentado à escola pública.

A imprensa se distancia da escola quando trata rankings como se fossem as Tábuas da Lei; quando aparece na escola apenas no dia em que ela é depredada por vândalos; quando desconsidera a imensa massa crítica formada pelos educadores.

A imprensa precisa da escola como um termômetro – ela é o espaço símbolo da chamada esfera pública. Se a educação não vai bem, todo o resto está a perigo. Jornais e televisões e rádios que deixam de observar o ensino correm o risco de se tornar irrelevantes. A imprensa erra na sua cobertura. A escola também incorre no mesmo risco ao não compreender como pensam e agem os jornalistas.

Nesse sentido, a interação entre imprensa – via curso de Jornalismo – e comunidade escolar ajuda a firmar alguns parâmetros, a dizer:

- a) O jornalismo não reproduz conceitos, mas os traduz. Dona Maria e seu João, doutor Pedro e doutora Joana precisam entender o sentido da palavra “equidade”. Não é possível fazê-lo com as mesmas palavras dos

- professores, nem com as palavras que os professores usam para explicar equidade para seus alunos. Educação e jornalismo têm pactos diferentes com seu público.
- b) O leitor, sempre em movimento, quer pegar a realidade com as mãos, pois teme que ela lhe escape em meio à correria em que se encontra. Daí um jornalista não poder dizer “vários” ou “muitos”. Tem de dizer “685 alunos – o dobro da média das 50 outras escolas da região”.
  - c) Cabe ao jornalista, tradutor dos discursos, encontrar uma realidade que represente o conceito. Por isso sai à procura de pequenas histórias, fatos inesperados, comparações. Nem sempre a escola – assim como as demais instituições que são a base da sociedade – entendem essa insistência em encontrar episódios menores para com eles falar de questões maiores.

O que pretendeu o livro reportagem sobre o projeto Equidade?

- a) Identificar o poder de uma palavra discutida de forma coletiva, no caso, a palavra “equidade”.
- b) Confirmar que educação passa pela estatística, pelo território, pela habitação, pelos índices socioeconômicos, mas também pelas relações de vizinhança, pelo cotidiano, pelos gestos concretos que são capazes de acordar a mente e o coração dos leitores mais distraídos.

### 3. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

O livro-reportagem “Nem um a menos – O projeto Equidade e o fortalecimento das escolas mais vulneráveis da Rede Municipal de Curitiba” é um retrato do projeto citado no título, desenvolvido pela Prefeitura Municipal em escolas públicas da capital paranaense. Para traduzir o Equidade e as experiências vivenciadas na educação, foram necessárias três etapas para a elaboração do livro. Essas etapas podem ser entendidas como uma metodologia utilizada pelos alunos como colaboradores.

### 3.1. 1ª etapa: o primeiro contato

As escolas municipais de Curitiba, e principalmente a perspectiva daquelas que participam do Projeto Equidade, era um território ainda inexplorado pelos alunos de Jornalismo.

Neste sentido, o primeiro contato com o Projeto Equidade, com as escolas municipais que seriam visitadas e com a comunidade que as circunda, aconteceu como forma de preparação e conhecimento sobre quem eram aqueles sujeitos. Foram disponibilizados aos alunos documentos desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba – o “Qualidade e Equidade na rede municipal de ensino de Curitiba: informações e produção de conhecimento para a prática pedagógica”, que contém dados sobre cada unidade escolar.

### 3.2. 2ª etapa: as entrevistas nas escolas atendidas pelo Equidade

Os alunos de Jornalismo acompanharam os jornalistas durante as entrevistas nas escolas. Ao todo foram feitas dez visitas distribuídas entre eles. Enxergar o entrevistado para além de uma figura pedagógica foi essencial. Por isso, entrevista aconteceu de forma mais dialógica, como indicado por Cremilda de Araújo Medina:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 2002, p. 8).

A entrevista despadronizada foi importante para reconhecer pistas dadas pelos entrevistados, já que a realidade de cada escola era única e muito particular.

### 3.3. 3ª etapa: retratar o Equidade em livro-reportagem

Os textos escritos pelos estudantes para o livro “Nem um a menos” foram reportagens sobre algumas das escolas participantes do Projeto Equidade na

cidade de Curitiba. Levando em consideração que as reportagens traziam o relato das experiências educativas nas escolas municipais de Curitiba, a construção do texto - mesmo que uma prática comum entre os jornalistas - foi parte de um momento singular. Segundo Stela Guedes Caputo, isso acontece, pois, ao escrever, o profissional também sofre transformação. No momento da escrita “escorre por nossas mãos o lugar de onde somos e o modo como olhamos o lugar em que estamos” (CAPUTO, 2006, p. 23).

As reportagens trazem informações a respeito das escolas, bem como dados sobre a realidade socioeconômica e educacional das instituições. Refletir no texto a comunidade, o espaço físico, as ações oriundas do Projeto Equidade, os esforços da direção e equipe pedagógica, bem como os sucessos e por vezes insucessos na rotina escolar foram considerados. Essas questões ganharam espaço acompanhadas de depoimentos e falas das pessoas entrevistadas, que eram diretoras (es), pedagogas (os) e professoras (es).

#### 4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro “Nem um a Menos – O projeto Equidade e o fortalecimento das escolas mais vulneráveis da Rede Municipal de Curitiba” contém 19 textos, sendo eles 5 reportagens produzidas pelos quatro alunos de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, em parceria com o jornalista e coordenador deste trabalho, José Carlos Fernandes, ou juntamente com Eliane Regina Tilton, coordenadora do projeto Equidade.

Da coletânea de 15 textos sobre as escolas atendidas pelo projeto Equidade, três delas foram escritas também pelos alunos Plínio Luis Pereira Lopes, Gabriel Snak e Gustavo Queiroz. São elas: “Às margens do Belém, na esquina da cidade” – sobre a Escola Municipal Prof. Germano Paciornik; “Um pequeno mundo novo” – retrato da Escola Municipal Integral Noely Simone de Avila; e “A teoria da proximidade” – da Escola Municipal Osvaldo Arns.

O quarto texto, “Antes ou depois da escola?”, escrito por Gabriel Snak, Gustavo Queiroz e José Carlos Fernandes, diz respeito aos entornos das escolas municipais que também foram observados pelo grupo. O quinto texto “Um

projeto... várias frentes”, escrito por Maria Fernanda Mileski e Eliane Regina Tilton, aborda a atuação dos professores de apoio nas escolas municipais participantes do Equidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES

A linguagem jornalística desenvolvida no livro – própria do livro-reportagem, mas com licenças para o jornalismo literário – permitiu aos estudantes conhecer as particularidade de outro tipo de suporte que não a reportagem para a web ou para o jornal impresso, justo as mais propaladas nos cursos de Jornalismo (BELO, 2006). Paripassu, os estudantes conheceram, de forma aprofundada, a realidade de bairros distantes da capital paranaense e o local que as escolas municipais ocupam nesse contexto. (SANTOS. MARQUES. RÖSING, 2009)

A produção das reportagens não aconteceu sem que houvesse vínculo comunitário, interação com os professores, mergulho na realidade educacional, pesquisa de dados apurados pela Secretaria Municipal de Educação – sobre a escola e seu entorno.

## 6. REFERÊNCIAS

BELO, Felipe. **Livro-reportagem**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Editora vozes, Rio de Janeiro, 2006.

FERNANDES, José Carlos. Escolas inauguram “era da equidade”. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 27 de abril de 2015, Vida e Cidadania, p. 4.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 4.<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

SANTOS, Fabiano dos. MARQUES NETO, José Castilho. RÖSING, Tânia M.K. **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Ed. Global, 2009.

SILVA, Marleth. FERNANDES, José Carlos. **Nem um a menos: o projeto Equidade e o fortalecimento das escolas mais vulneráveis da Rede Municipal de Curitiba**. Prefeitura Municipal de Curitiba/SME, Curitiba, 2016.